[Recensão a] SUPPLEMENTA ITALICA, 3 (nuova serie)

Autor(es): D'Encarnação, José

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45555>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_29_13

Accessed : 26-Apr-2023 09:07:11

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXIX

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1990

das inscrições funerárias de Três Minas (Portugal) deve ser completada (cfr. *Madridrer Mitteilungen*, 29, 1988, p. 239).

A última parte é consagrada a aspectos técnicos: instrumentos usados nas minas, processos de desmonte, meios de elevação do minério até à superfície, processos de entivação, meios de acesso às minas, processos de evacuação das águas, etc. Nos dois últimos capítulos, o autor ocupa-se das minas a céu aberto e do tratamento do minério.

Fruto de muitos anos de labor, obra de um arqueólogo cuja familiaridade com os autores clássicos vai a par com profundos conhecimentos de geologia e de mineralogia, este trabalho de C. Domergue é uma excelente síntese da mineração na Península Ibérica.

JORGE DE ALARCÃO

SUPPLEMENTA ITALICA, 3 (nuova serie). Edizioni Quasar, Roma, 1987. 240 pp. ISBN 88-85020-84¹.

Publicado com o contributo do Consiglio Nazionale delle Ricerche italiano, o volume tem apresentação de Margherita Guarducci e Silvio Panciera, responsáveis por parte do projecto, em curso, de revisão dos monumentos epigráficos romanos da Itália.

Após referirem as dificuldades financeiras que atrasaram um pouco a edição, aludem às outras iniciativas itálicas no âmbito epigráfico. O primeiro dos suplementos abarcou três cidades: Ferentinum, Pisaurum e Falerii Novi; o segundo, quatro centros: Velitrae, Histonium, Teate Marrucinum e Vada Sabatia. O terceiro abrange, agora, oito cidades: da Regio III (Lucania et Bruttii), Locri, cuja epigrafia Marco Buonocore estudou; Tegianum, Cosilinum, Atina, Volcei e Eburum, a cargo de Vittorio Braco; da Regio IV (Sabina et Samnium), Corfinium, por M. Buonocore; finalmente, da Regio IX (Liguria), a Luna ad Genuam, da responsabilidade de Giovanni Mennella.

O esquema adoptado em cada capítulo foi o seguinte: as colectâneas que se actualizam!; a bibliografia epigráfica; outra bibliografia essencial; adenda e corrigenda às notícias históricas dadas pelas colectâneas a actualizar. Vêm, em seguida — e esta é a parte mais importante e densa do trabalho — os aditamentos e correcções aos monumentos epigráficos incluídos nos *corpora* actualizados. Páginas bem recheadas, sem divisão em parágrafos para poupar espaço. Os textos vêm identificados com os números originais, a negro; apenas se deixa um centímetro em branco para mais nítida separação. É compreensível o esquema adoptado, numa época em que o factor económico se impõe como fundamental. Não poderemos esquecer, porém, que o volume se destina a servir primordialmente como livro de consulta; nesse caso, toma-se difícil saber, por exemplo, que CIL X 21 teve nova leitura na p. 17 ou que CIL X 33 continua perdida. A existência de índices analíticos nas pp. 35-36, relativos aos monumentos epigráficos de Locri, não serão inúteis monograficamente mas de pouco interesse prático resultam, uma vez que falta, no final do livro, um índice geral que os refira. O ideal teria sido, em meu entender, optar-se por uma fórmula que tudo reunisse no fim, com indexação da página e não da epigrafe.

Termina cada capítulo pela indicação dos “novos textos”, ou seja, daqueles que foram publicados após a edição dos *corpora* que ora aqui se actualizam. Apresenta-se, de cada um, breve síntese que compreende: descrição sumária, dimensões, lugares de achado e paradeiro, bibliografia, leitura, fotografia e sumarríssimo comentário (a referir, v.g., questões onomásticas, históricas e a datação proposta).

As fotografias apresentam-se, de um modo geral, com bom contraste; há notável esforço para superar as dificuldades inerentes, nomeadamente, ao mau estado da epígrafe ou à sua localização pouco acessível. Penso que, amiúde, se toma preferível apresentar uma fotografia, ainda que má, a não apresentar nenhuma. E nem sempre se têm à mão os meios técnicos necessários para uma boa imagem, colhida do melhor ângulo — como, só para citar dois casos, deve ter acontecido com os números 10 e 11 da p. 81. Creio, porém, que a utilização dum pano de cor neutra (branco ou preto) como fundo teria permitido reproduções mais “interessantes” do ponto de vista gráfico. Refiro, para ilustrar esta opinião, as fotografias das pp. 163 e 164, que teriam ganho em “leitura” se houvessem sido destacadas, com um fundo, do ambiente que as rodeava. De resto, regista-se, curiosamente, na p. 168, a adopção de dois critérios distintos: na primeira fotografia, parece não ter havido qualquer preocupação com o fundo; na segunda, o monumento foi “recortado”. A primeira fotografia apresenta, aliás, uma nitidez invejável — mas não teria sido interessante mostrar exactamente como é que a peça termina na parte inferior? Já agora, parece subentender-se do texto que o monumento, achado em 1964, já em 1982 fora dado como desaparecido. Nesse caso, de quem é a fotografia? Decerto de Van Wouterghem que, apesar de conhecer o monumento desde 1965 (data de apresentação da sua tese de doutoramento, onde o incluiu) só em 1984 a publicou, de modo que apenas *L'Année Epigraphique* desse ano (1984, 306) a pôde inserir, isto é, quase vinte anos depois da sua descoberta. Este caso leva-nos a salientar, mais uma vez, a necessidade de, em cada país, se criarem, quanto antes, revistas que pontualmente veiculem os novos achados para os circuitos científicos internacionais.

Se se folhear o volume na parte respeitante aos novos textos, depressa nos apercebemos de que ele constitui uma solução de compromisso entre um *corpus* ‘stricto sensu’ e um estudo epigráfico. A informação cinge-se ao essencial; aponta pistas, não as explora; evidencia os aspectos fundamentais mas não se detém, remete para a bibliografia.

De um modo geral, não é evidente o critério que determinou a sequência das epígrafes novas em cada capítulo do volume: podemos ter aqui o texto funerário dos *Vetini* (n.º 6, p. 77) e, mais adiante (n.º 10, p. 81) a homenagem prestada a um *Gresius*.

A observação dos vários índices pode trazer — apesar das limitações já apontadas — preciosas informações, porque, de facto, se em algo pecaram foi por excesso que não por defeito. Veja-se, a título de exemplo, que, na p. 86, no item dos “deuses, deusas, heróis e vida religiosa” sobre Manes se manda confrontar “Dii Manes”, que está... três linhas antes; na p. 87, sob o título “sacerdotes e instituições religiosas”, refere-se a ocorrência de *pontifex maximus* que figura, como é habitual, nos títulos do imperador Tito, que vêm transcritos no item imediatamente a seguir. Uma leitura menos atenta levaria a pensar que estávamos perante um *pontifex maximus* fora do comum. Agrada-nos, porém, que os *cognomina* sejam apresentados por ordem alfabética e se repita, em relação a cada um, a identificação completa de quem o usou.

Gostaria que os autores tivessem sido, aqui e além, menos sintéticos. Uma ara como a n.º 6 da p. 77 mereceria, em meu entender, um tratamento mais dilatado, até porque, se bem depreendo do comentário (onde se não cita qualquer bibliografia anterior), a epígrafe estava inédita. Referirei, em primeiro lugar, que me parece evidente, na l. 7, o.L do *praenomen* *L(ucius)*, que — decerto por lapso — o editor não considerou. Por outro lado, teria quicá sido interessante realçar a utilização do gentílico no plural para identificar irmãos: *Ifuciis* *Vetiniis Paulo et Severino*. Estou a recordar, do *conventus pacensis* (Lusi-

tânia), o texto CIL II 5131 (= IRCP 623), onde a sigla C que precede os cognomes *Alpinus*, *Civis*, *Severus* e *Albinus* parece corresponder precisamente ao gentílico comum — *C(orneliu)7*; ou mesmo CIL II 5176 onde li *Ifucii* ANNII P(ublii) f(ili) bini, “os dois Lúcios Ânios, filhos de Públio” (IRCP 91).

Interessam-me bastante os aspectos da vida quotidiana e familiar patentes nos epitáfios e, por tal motivo, essa imponente ara achada em Caggiano (Volcei — Regio III) talvez merecesse algumas reflexões mais. V. Bracco sublinha que “o dado mais interessante” do monumento é a referência ao duumvirato. Eu não seria tão peremptório. “Interessante” é, por exemplo, que, numa epígrafe de contexto eminentemente funerário, o dedicante se diga *aedilis* e *duumvir*, menção só justificável em contexto honorífico. A razão revela-se-nos, porém, na fórmula final: é que *Vetinius Severus* mandou gravar a memória em vida; daí, não ter resistido a, sub-repticiamente, dar conta do seu currículo municipal, para que o futuro o não olvidasse. O monumento perpetua a memória dos dois filhos, Paulo e Severino; da esposa “mãe dos filhos” e da “dedicada Acília”, *Aciliae benemerenti*. Será curioso verificar, por isso, a parte final do texto: “suis Pont(iae) Esperidi et Aciliae Soteri et sibi vivos fecit”. Considera V. Bracco (no índice, p. 87) que *vivos* está por *vivus*, no singular. Mas não será *vivos* o aposto também de *Pontia Esper* e de *Acilia Soteri* Quicá se possa mesmo concluir que o dedicante homenageia “os seus”—expressão onde parece poderem englobar-se os filhos, a mulher e Acília, decerto já falecidos — mas também, dentre os vivos, ele próprio e as citadas Pôncia e Acília, presumivelmente duas Ubertas, uma delas, por certo, da *Acilia benemerens*. E já se reparou que o nome da “mãe dos filhos” é, simplesmente, omitido?

Claro, toda esta problemática não poderia caber no comentário que se pretende cingido aos aspectos fundamentais dum monumento epigráfico. Mas talvez em duas ou três Unhas se pudesse ter sugerido (ou enunciado) essa anáUse.

Involgar também, do ponto de vista textual e mesmo formal, é a dedicatória (já referida) feita a Crésio Libão (n.º 10, p. 81), igualmente procedente do território de Volcei. Trata-se duma enorme placa (210X95X36) sem decoração, talhada eventualmente em mármore (o material não vem referido), com o seguinte texto, em letras que deverão ser de módulo bastante grande (não são dadas as medidas e a fotografia, feita obliquamente, não tem escala); [*praenomen*]. GRESIO. C(aii). F(ilio)/ HOR(atia tribu)/ LIBONI. FRATRI. O que é curioso é a omissão da identificação do(s) dedicante(s), tanto mais que, sendo homenagem famiUar, e dada a forma do monumento, mais parece pedra fronteira de jazigo que placa honorífica de lugar púbUco. É natural que os anteriores investigadores já se tenham debruçado sobre o assunto e valeria a pena, por isso, ter aqui a síntese da sua opinião.

Poder-se-iam multiplicar, como é óbvio, comentários deste tipo, mormente se tivermos em conta a riqueza e a multiplicidade do material que este volume 3 dos *Supplementa Italica* nos proporciona. Mas seja-me permitido ainda que chame a atenção para a particular beleza do epitáfio ora guardado no Museu de Corfíno, constituído por dez dísticos elegíacos aqui reproduzido sob o n.º 17 (pp. 154-156); e que faça mais uma reflexão de índole onomástica.

Quando, em 1984, publiquei de novo CIL II 66 (IRCP 271), referente a *Q. Peticius Rufus*, de Pax Iulia, assinalai o facto de esse gentílico na Península Ibérica só se documentar também em Lisboa (CIL II 192 e 289, identificando a mulher de um edil), correspondendo muito provavelmente a um imigrante itálico. Ora, é curioso verificar agora que a epígrafe n.º 65 de Corfínium (= EE VIII 151) regista um liberto chamado precisamente

T. Peticius Hispanus (pp. 187-188). O referido movimento migratorio obtém, desta sorte, mais um argumento abonatório.

Em suma: pela densidade e rigor da informação que transmite, este volume constitui, acima de tudo, a demonstração cabal do incansável e permanente labor de revisão do (quase) inesgotável espólio epigráfico itálico, a que uma briosa equipa de investigadores, dirigidos por Margherita Guarducci e Silvio Panciera em boa hora souberam lançar ombros.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

La Collezione Epigrafica dei Musei Capitolini, Edizioni di Storia e Letterature, Roma, 1987, 392 pp. + LXXVIII de lâminas com fotos.

Incluído, com o n.º 6, na colecção *Tituli* (Pubblicazioni di Epigrafia e Antichità Greche e Romane dell'Università di Roma — La Sapienza), este volume foi organizado sob orientação do Prof. Silvio Panciera, responsável, desde há vários anos, pelo Seminário de Epigrafia e Antiguidades Romanas na referida universidade. O volume resulta, pois, do persistente trabalho de estudo e revisão de monumentos epigráficos aí levado a efeito.

Publicam-se, na primeira parte (pp. 29-263), como Silvio Panciera, aliás, explicita na introdução, todas as inscrições latinas e gregas identificadas no conjunto dos museus Capitolinos (ou seja, o Museu Capitolino propriamente dito, o Palácio dos Conservadores, o chamado Braccio Nuovo, o Museu Novo, a Galeria Lapidar de Congiunzione e o Tabularium) que estavam inéditas até 1985, num total de 183.

Dá-se conta, na segunda parte (pp. 265-330), das revisões de epígrafes já conhecidas e que uma melhor fotografia ou a observação mais aturada agora vieram permitir.

A identificação de fragmentos da mesma peça em locais diversos e a possibilidade da sua colagem determinou que, durante a pesquisa, se fossem tomando apontamentos de índole museográfica com vista a mais adequada e racional exposição das peças. Daí a razão de ser da terceira parte, “contributos para a reordenação”. E foi dentro dessa mesma ordem de ideias que se elaborou, inclusive, uma tabela de equivalências entre os números do antigo catálogo e do novo. Esta preocupação de atingir os objectivos científicos sem, no entanto, descuidar as perspectivas museográficas é, em meu entender, um dos pontos dignos de apreço no volume.

Tomam-no operacional exaustivos índices analíticos: de fontes literárias e epigráficas (pp. 349-375); topográfico (pp. 377-378); epigráficos, segundo o modelo do CIL (pp. 379-389); dos 48 colaboradores do volume (pp. 391-392). As 78 estampas com um total de 345 fotografias, em papel “couché”, de muito boa qualidade, facilmente cotejáveis com o catálogo porque vão identificadas mediante a numeração correspondente, constituem, por fim, um repositório ímpar de dados paleográficos e, sobretudo, de tipologias, precisamente porque se adoptou o critério (invulgar, mas precioso) de as arrumar consoante os vários tipos de suporte.

A bibliografia antecede o texto propriamente dito. Aí afigura-se-me desnecessário fazer preceder de AA. VV. (“autores vários”) os volumes colectivos, como é o caso das *Mélanges* ou das actas de colóquios temáticos. A ordenação pelo título seria, decerto, mais fácil e clara.

Conimbriga, 29 (1990), 147-194